

<http://dx.doi.org/10.15202/10.15202.2014v19n38p29>

VIVÊNCIA DA ENTREVISTA FENOMENOLÓGICA COM ADOLESCENTES GRÁVIDAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Diego Alexander Silva dos Santos¹

Maria Edileuza Soares Moura²

Ana Raquel Mesquita Paes³

Nytale Lindsay Cardoso Portela⁴

Ana Karine Lopes Vilanova⁵

RESUMO

A entrevista fenomenológica permite conhecer o pensamento e as opiniões das pessoas sobre determinado assunto. Este artigo tem por objetivo descrever a vivência dos autores na obtenção dos relatos de adolescentes grávidas utilizando a entrevista fenomenológica. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, oriundo de uma pesquisa desenvolvida em seis Unidades Básicas de Saúde de Caxias, Maranhão, em junho de 2012. Foram entrevistadas dezoito adolescentes grávidas. O modo como se portavam durante a entrevista nos fez refletir acerca da situação em que se encontravam e os seus sentimentos, afinal os diálogos nos deixava a nítida impressão de jovens conversando sobre um tema adulto. Diante da dificuldade de comunicação, foi necessário estabelecer uma relação de confiança, pois só assim compreenderíamos a situação de cada entrevistada. Conclui-se que para a realização das entrevistas, foram necessárias empatia e familiarização com as entrevistadas, além disso em cada entrevista os pesquisadores precisavam identificar as dificuldades e mudar as estratégias para obter os relatos.

Palavras-chave: Entrevista. Adolescente. Gravidez. Enfermagem.

PHENOMENOLOGICAL EXPERIENCE OF INTERVIEW WITH PREGNANT ADOLESCENTS: EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

The phenomenological interview allows to know the thoughts and opinions of people about a certain subject. This article aims to describe the experience of the authors in obtaining reports of pregnant adolescents using the phenomenological interview. This

¹ Graduado em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Maranhão, Brasil
Enfermeiro do Hospital Universitário Presidente Dutra, Maranhão Brasil
diego.ale.x@hotmail.com

² Doutora em Medicina Tropical pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiás, Brasil
Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Maranhão, Brasil
mariaedileuzasoares@hotmail.com

³ Residente em Neonatologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Maranhão, Brasil
anaraquel_cx@hotmail.com

⁴ Especialista em Saúde Pública e Saúde da Família (Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco), Cornélio Procópio, PR, Brasil
Especialista em Enfermagem do Trabalho (Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco), Cornélio Procópio, PR, Brasil
Enfermeira da Unidade de Saúde da Família Santa Maria, Maranhão, Brasil
nytalelindsay@hotmail.com

⁵ Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Maranhão, Brasil
anakarine.vilanova@gmail.com

is a descriptive study of its kind experience report, came from a survey conducted in six Basic Health Units of Caxias, Maranhão in June 2012. We interviewed eighteen pregnant teenagers. The way they behaved during the interview made us think about the situation they were in and their feelings, after all the dialogues let us clear impression youth talking about an adult theme. Given the difficulty of communication, it was necessary to establish a relationship of trust, because only then would understand the situation of each interviewee. It is concluded that for the interviews were necessary empathy and familiarity with the interviewees also in every interview researchers needed to identify the difficulties and change strategies for the reports.

Keywords: Interview. Adolescent. Pregnancy. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

A puberdade constitui uma parte da adolescência caracterizada, principalmente, pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal e evolução da maturação sexual. A puberdade é um parâmetro universal, ocorrendo de maneira semelhante em todos os indivíduos; já a adolescência é um fenômeno singular caracterizado por condições socioculturais concretizadas por meio de reformulações constantes de caráter social, ideológico, vocacional, sexual e de gênero (BRASIL, 2005).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990). A adolescência pode ser caracterizada como um período da vida contemplado por mudanças físicas e emocionais, momento esse considerado, por alguns, como conflitivo ou de crise. Não se pode descrever a adolescência apenas em vista da simples adaptação a essas transformações, mas como um período de grande relevância no ciclo existencial, em que há afirmação social, familiar e sexual.

A adolescência também pode ser vista como uma etapa da vida em que ocorre a transição entre infância e idade adulta, na qual as principais características da personalidade estão sendo consolidadas. É um momento de transição, porque o futuro adulto está em formação e a fase infantil ainda não terminou. É neste espaço entre a infância e a vida adulta que o adolescente constrói sua identidade, portanto, engravidar nessa etapa da vida quebra essa sequência, ocasionando uma mudança brusca de papéis.

A gravidez na adolescência pode ser traduzida como uma situação de risco psicossocial, reconhecida como um problema para os jovens que iniciam uma família tão precocemente, de modo não planejado (GURGEL *et al.*, 2008). Acrescenta-se o fato de a gravidez na adolescência ser considerada de risco em função da potencialidade para diversos tipos de complicações, podendo acometer tanto a mãe, quanto o bebê.

É na adolescência que a maturidade física e psicológica se completa, e é nesta fase da vida que as considerações sobre gravidez devem se situar. A gravidez natural e sadia é possível a partir do momento em que os indivíduos envolvidos já possuem todos os elementos orgânicos indispensáveis para ela acontecer, principalmente maturação dos órgãos e sistemas reprodutores com seus hormônios (KLAJNER, 2005).

Apesar de todas essas particularidades relatadas, mesmo com a diminuição no número de partos nos últimos cinco anos na rede pública brasileira, os dados estatísticos ainda apontam números elevados de gravidez na adolescência. Essa realidade torna-se mais redundante quando

se trata da região Nordeste, onde os índices são maiores, se comparados com outros estados brasileiros (BRASIL, 2010).

Do mesmo modo, um acontecimento regular na cidade de Caxias-MA é visualizar adolescentes grávidas, sendo este um dos fatores para a escolha dessa temática. Em estágios curriculares na Maternidade Carmosina Coutinho e em algumas Unidades Básicas de Saúde da zona urbana de Caxias-MA, também foi perceptível a constante presença de adolescentes grávidas.

Assim, vislumbrando a possibilidade de pesquisar sobre opiniões, reflexões, experiências e sentimentos acerca da sexualidade, dos métodos contraceptivos e da gravidez precoce, optou-se por buscar conhecer esse fenômeno entrevistando adolescentes grávidas. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo descrever a vivência dos autores na obtenção dos relatos de adolescentes grávidas utilizando a entrevista fenomenológica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, oriundo de uma pesquisa desenvolvida em seis Unidades Básicas de Saúde (UBS) de Caxias, Maranhão, em junho de 2012. A escolha das UBS deveu-se ao fato de elas terem gestantes adolescentes que estavam fazendo acompanhamento pré-natal.

Como método de investigação, foi utilizada a pesquisa qualitativa, por estar relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e à maneira como as pessoas compreendem este mundo, tentando, portanto, interpretar os fenômenos sociais em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem (POPER; MAYS, 2009).

Desta forma, para compreender a percepção de adolescentes grávidas acerca da sua gestação, foi utilizada a entrevista fenomenológica, por esta permitir conhecer o pensamento e as opiniões das pessoas sobre determinado assunto. Consiste numa conversa social, face a face, orientada por um problema de pesquisa. O contato entre entrevistador e entrevistado favorece a interação entre ambos e, desta forma, permite que o entrevistado se abra, relatando muito além do que foi perguntado, tornando possível captar outras informações além do relato verbal (NASCIMENTO, 2007; HEIDEGGER, 2009).

Inicialmente, fomos conhecer as UBS, onde fomos apresentados aos profissionais. Na ocasião foi-lhes mostrado o objetivo do estudo e o método a ser seguido, além da contribuição que a pesquisa traria para os profissionais e, principalmente, para as adolescentes. Posteriormente, fizemos um levantamento dos prontuários das gestantes adolescentes, no qual foram anotados os nomes, endereços e idade e procedeu-se a visita domiciliar às adolescentes grávidas.

Durante as visitas, foi apresentada a natureza da pesquisa e os objetivos do trabalho, realizado o convite e confirmada sua participação. Por serem menores de idade, os responsáveis também foram informados da pesquisa e concordaram com a participação das adolescentes no estudo.

Para a realização das entrevistas, as adolescentes escolheram o cômodo que se sentiam mais confortáveis e que permitia a privacidade para a conversa e gravação. Durante a coleta dos dados, pudemos entrevistar 18 adolescentes grávidas, na faixa etária de 13 a 17 anos.

Os dados obtidos nessas entrevistas foram apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Estudos Superiores de Caxias, da Universidade Estadual do Maranhão (CESC/UEMA), intitulado “Gravidez na adolescência: o que pensam as adolescentes grávidas”. Esse trabalho foi submetido para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizaram-se as entrevistas a partir dos seguintes questionamentos: Na sua concepção que motivos levaram você a engravidar ainda na adolescência? Que tipos de informações você dispôs sobre sexualidade enquanto adolescente? Quais os métodos contraceptivos que você tem mais conhecimento? Antes de engravidar, você conhecia os riscos de uma gravidez na adolescência? Qual motivo levou você a ter uma relação sexual de forma desprotegida? Depois que você descobriu que estava grávida, como você se sentiu? Qual sua reação? Você enfrentou alguma dificuldade depois que descobriu que estava grávida?

O modo como as adolescentes se portavam durante a entrevista, com timidez, cabeças baixas, respostas curtas, dificuldade em argumentar, nos fizeram refletir acerca da situação em que se encontravam, os seus sentimentos e as dificuldades pelas quais estavam passando, afinal os diálogos nos deixavam a nítida impressão de jovens conversando sobre um tema adulto. No entanto, apesar da dificuldade de comunicação, foi necessário estabelecer uma relação de confiança, mostrar que nos importávamos, que estávamos ali para escutá-las atentamente, pois só assim compreenderíamos a situação de cada entrevistada.

Trabalhar com adolescentes se traduz em desafios e torna-se necessário compreender a subjetividade e as contradições existentes nos relatos. Essa premissa torna-se ainda mais verdadeira quando se lida com relatos de adolescentes gestantes. Quando se abre espaço para estas falarem, geralmente obtêm-se informações relevantes, pois grande parte convive durante essa fase com inúmeras dúvidas, incertezas e falsas certezas, deixando transparecer claramente suas dificuldades.

No entanto, não é só a dificuldade da adolescente se expressar que é um desafio. O pesquisador deixar as crenças e concepções de lado para não influenciar nos relatos também é um desafio a ser superado. Para Abrahão *et al.* (2013, p. 133), a imparcialidade é um elemento fundamental num processo de produção do conhecimento, sendo assim, “quanto mais isolado for o objeto do mundo, da vida, maior a possibilidade de produzir-se conhecimento que não falseie 'a' verdade”.

Nos relatos, observou-se que algumas das narrações foram semelhantes. Uma mostravam a vontade de engravidar mesmo sendo tão jovens. Outras nos relataram que o descuido, a pressa, o sentimento de descrença as levaram a fazerem sexo de forma desprotegida. Motivos que são comuns na literatura, isso porque, geralmente a família, a escola e as estratégias de educação em saúde falham com estas meninas ao não lhes fornecerem informações claras e sim fragmentadas e limitadas, ora por deficiência do sistema educacional, ora por ausência de um contato mais próximo com a família, principalmente com a figura materna, favorecendo relações sexuais intempestivas e/ou desprotegidas.

O adolescente é mais movido pelo desejo do que pela lógica, mais pelo princípio do

prazer, do que pelo princípio da realidade refletindo, portanto, um momento de estruturação da subjetividade (WEINBERG, 2007). Recorre-se à preferência do adolescente pelo instantâneo, pela espontaneidade e pelo risco e à crença mágica em sua invulnerabilidade (HEILBORN *et al.*, 2006). A palavra “descuido” aponta, esse sentido, o fato de saber que poderia engravidar e mesmo assim não utilizar os métodos contraceptivos.

Por outro lado, muitas adolescentes que engravidam referem fortemente o desejo de ter um filho/a, acreditando que o status de mãe pode conduzi-las a uma valorização social. Dias e Teixeira (2010) apontam que a maternidade, nesses casos, pode ser vista como uma ocupação, um papel que dá um sentido à vida da jovem. Na falta de outros projetos de vida, ou frente à dificuldade em vislumbrar e efetivar planos alternativos, a gravidez pode ser percebida pela adolescente como uma forma de reconhecer a si mesma, de marcar seu próprio espaço na família e de ser reconhecida nos seus ambientes de convívio.

Na experiência de trabalho com adolescentes, constata-se a importância e o valor atribuídos à escola por parte dos adolescentes, da família e da comunidade. A escola é uma instituição significativa na vida do jovem; é o primeiro espaço social fora da família onde ele se insere, ocorrendo a partir daí um enriquecimento na formação de sua identidade pessoal. Na adolescência, a escola torna-se extraordinário centro de ampliação da socialização: um espaço que possibilita o estabelecimento de uma ampla rede de relações interpessoais, proporcionando ao adolescente a expansão de sua identidade para além da família (SÃO PAULO, 2006).

Pudemos constatar também que a gravidez precoce leva a inúmeros sentimentos e reações, como não querer se arriscar novamente, alegria de reconhecer-se como uma futura mãe, a surpresa diante do receio de assumir a gravidez e a indiferença relacionada ao medo e à angústia. Algumas adolescentes não conseguiram visualizar dificuldades durante a gravidez, porém quando estas identificam dificuldades discorrem sobre problemas socioeconômicos, conflitos conjugais e familiares. A falta de apoio do pai, a opinião contrária dos familiares e a falta de dinheiro para suprir as necessidades básicas foram relatadas.

Os relatos nos levaram a refletir sobre a realidade de muitas jovens, o que mostra a necessidade de os profissionais da saúde sempre trabalharem com um olhar mais apurado, detalhado e sensibilizado, buscando sempre aplicar os programas existentes da melhor forma, para cada realidade observada.

A educação em saúde é a melhor maneira de transformar o comportamento dessas adolescentes, pois proporciona informação, educação sanitária e aperfeiçoa as atitudes indispensáveis para a vida. Além disso, o desenvolvimento de ações de educação em saúde numa perspectiva dialógica, emancipadora, participativa, criativa, contribuindo para a autonomia do usuário e dos profissionais, que podem reinventar os modos de cuidado mais humanizados, compartilhados e integrais (BRASIL, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na entrevista fenomenológica, não existe certo ou errado a ser declarado, valoriza-se a fala do sujeito e as condições compreendidas e elaboradas por eles. Para realização da pesquisa, foi fundamental o preparo dos entrevistadores para conquistar a confiança das participantes da pesquisa e para compreender o seu mundo, buscando entender o que levou tal fato a

acontecer. Foi necessário, também, que os entrevistadores não deixassem que suas crenças, comportamentos e concepções acerca do assunto influenciassem nos relatos.

Conclui-se que, para a realização das entrevistas, foram necessárias empatia e familiarização com as entrevistadas; além disso, em cada entrevista os pesquisadores precisavam identificar as dificuldades e mudar as estratégias para obter os relatos. A entrevista fenomenológica possibilitou isso, o que foi fundamental para compreender a história de cada adolescente grávida.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, A. L. et al. O pesquisador *in-mundo* e o proceso de produção de outras formas de investigação em saúde. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 133-144, jan. 2013.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 03 jan. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil acelera redução da gravidez na adolescência**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br>>. Acesso em: 03 jan. 2015.
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Revista Paidéia**, Porto Alegre, v. 20, n. 45, p. 123-131, 2010.
- GURGEL, M. G. I. et al. Gravidez na adolescência: tendência na produção científica de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 799-805, 2008.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HEILBORN, M. L. et al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, FIOCRUZ, 2006.

KLAJNER, H. **Auto-estimulação e adolescentes**: prevenção de distúrbios comportamentais; saúde física e mental. São Paulo: Marco Zero, 2005.

NASCIMENTO, E. N. *et al.* Técnicas de coleta de dados utilizadas em artigos científicos da área da saúde. **Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 11, n. 1, p. 45-50, 2007.

POPER, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde **Manual de atenção à saúde do adolescente**. São Paulo: SMS, 2006.

WEINBERG, C. **Por que estou assim**: os momentos difíceis da adolescência. São Paulo: Sá Editora, 2007.

Recebido em: 02 fev. 2015.

Aprovado em: 10 mar. 2015.